

Causativização em Asuriní do Xingu

Antonia Alves **PEREIRA***

* Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (2009). Professora na Universidade Federal do Pará - UFPA. Contato: antonia@ufpa.br

Resumo:

Este artigo tem como objetivo discutir a causativização no Asuriní do Xingu, língua Tupí-Guaraní, falada pelo povo Asuriní que vive no município de Altamira, estado do Pará. Partindo de pressupostos teóricos da linguística tipológico-funcional, nele são discutidos a formação dos predicados causativos, os tipos de causativização encontrados na língua e os efeitos que provocam na sentença. A causativização morfológica é o tipo predominante nessa língua, sendo os morfemas {mu-}, {eru-} e {-ukat} responsáveis por ela. A análise mostra que o morfema {eru-} desempenha função causativa na língua, assim como em Kamaiurá e Emerillon. Ao mesmo tempo, distingue-se de outras línguas da família, como o Guajá e o Tenetehára, para as quais esse morfema é descrito como um aplicativo. Os resultados da pesquisa mostram que os dois primeiros morfemas se afixam a raízes verbais intransitivas, enquanto {-ukat} se afixa a raízes transitivas. Após a afixação do morfema causativo ao verbo, a sentença sofre alterações estruturais e funcionais.

Palavras-chave:

Causativos. Morfologia. Sintaxe.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 25, n. 3, p. 22-35, dez. 2022

Recebido em: 11/04/2022

Aceito em: 01/10/2022

INTRODUÇÃO

A causativização é um fenômeno recorrente nas línguas. Fillmore (1976, p. 182), entre outros autores, vê a causalidade como um fenômeno linguístico universal. Essa categoria está ligada aos componentes semântico, morfológico e sintático, acarretando alterações na significação e na configuração da sentença, afetando a estrutura de participação, a valência e outros mecanismos diretamente relacionados ao fenômeno. Neste trabalho, objetivamos descrever e analisar as estratégias de causativização encontradas na língua Asuriní do Xingu, grupo V da família Tupí-Guaraní, grupo Tupí, conforme classificação de Rodrigues (1985). Discutimos como são formados os predicados causativos, os tipos de causativização e os efeitos que provocam na sentença. No nível morfossintático, a causativização, entre outros efeitos, faz surgir um novo argumento na estrutura da sentença; semanticamente, surge um *causer* que leva um *causee* a realizar o evento previsto no predicado, participando ou não com ele, dependendo do tipo de causativização.

O trabalho está embasado nos pressupostos teóricos da linguística tipológico-funcional. Os dados foram coletados por nós durante nossas pesquisas junto ao grupo e são provenientes de elicitções, narrativas míticas, narrativas de experiência pessoal e conversas em contexto natural, sendo testados, posteriormente, com o apoio de falantes nativos. Alguns autores, cujas obras serviram como suporte teórico para este trabalho foram: Comrie (1989), Dixon (2000), Haspelmath e Müller-Bardey (2004), Kemmer e Verhagen (1994), Kulilov (2010), Shibatani (2002), Shibatani e Pardeshi (2002), Song (2014) e Velupillai (2012).

O artigo inicia focalizando a causativização como fenômeno presente nas línguas em geral, partindo de uma visão tipológica sobre sua concepção, suas características e seus efeitos na sentença. Na sequência, enfrenta a descrição e análise da causativização no Asuriní do Xingu, discutindo os tipos de causativização e seus efeitos morfossintáticos e semânticos, tecendo comentários sobre semelhanças e diferenças com outras línguas, especialmente aquelas de mesma filiação genética. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

1. CAUSATIVIZAÇÃO NA TIPOLOGIA LINGUÍSTICA

As construções causativas representam uma situação linguística complexa envolvendo dois eventos: a) o evento causador no qual o *causer* faz ou inicia alguma coisa para desencadear o evento causado e b) o evento causado em que o *causee* pratica uma ação ou sofre uma mudança de condição ou estado como resultado da ação do *causer* (COMRIE, 1989, p. 165). Esse tipo de construção envolve os componentes semântico, morfológico e sintático de uma língua, fazendo surgirem construções novas, afetando a significação da sentença, a valência verbal e, conseqüentemente, a sentença nos níveis sintagmático, funcional e argumental. Dessa forma, constitui, *per se*, uma categoria de suma importância na análise e descrição de uma língua.

A derivação causativa, conforme Kulikov (2010, p. 386), adiciona o significado ‘causa’ à proposição e acrescenta um novo participante, o *causer*, que assume obrigatoriamente a posição do sujeito. Diante de sua expulsão da posição de sujeito, o *causee* é rebaixado na hierarquia das relações gramaticais: Sujeito > Objeto Direto > Objeto Indireto > Objeto Oblíquo, podendo ocupar a posição mais alta que esteja livre.

Há uma série de maneiras de expressar causatividade nas línguas, conforme Comrie (1989, p. 166), entre elas: a) o uso de conjunções causativas ou resultantes (por causa disso) ou preposições (por causa de, graças a), b) o uso de um predicado causativo separado (por exemplo, o verbo para causar ou fazer algo acontecer) e c) um predicado que inclui dentro de si a noção de causa, como em *John matou Bill*. E conforme

Dixon (2000, p. 33-34), uma construção causativa pode ser marcada pelos seguintes processos morfológicos: '(a) internal change, e.g. in vowel quality, or consonant mutation; (b) repeating a consonant; (c) lengthening a vowel; (d) tone change; (e) reduplication; or various processes of affixation, with (f) a prefix, (g) a suffix, or (h) a circumfix'.

Comrie (1989, p. 159), com base em parâmetros formais, estabelece três distinções tipológicas para as construções causativas: a) causativas analíticas (sintáticas ou perifrásticas), b) causativas morfológicas e c) causativas lexicais (ou sintéticas). As construções causativas analíticas, em conformidade com o autor, são aquelas em que a noção de causa e a noção de efeito são expressas por predicados diferentes (ex.: *Eu fiz o João cair*). Nessa mesma linha de pensamento, Kemmer e Verhagen (1994, p.117) se referem a esse tipo de causativo como: "An analytic causative is a two-verb structure that expresses a predicate of causation and a predicate of effect", citando como exemplos construções inglesas como: "*I made him leave e Seeing him again caused her to lose her composure*" (KEMMER; VERHAGEN, 1994, p. 117).

Já as construções causativas morfológicas, são obtidas por meio de um morfema: afixo ou outra forma, como coloca Dixon (2000). Comrie, acima citado, apresenta um exemplo do turco, em que os sufixos *-r* e *-dir* (o último com variantes de harmonia vocálica) podem ser adicionados virtualmente a qualquer verbo para dar seu equivalente causativo, por exemplo, *öl* 'morrer', *öl-dir*, 'matar' *göster* 'show', *göster-t* 'cause to show'. Ainda, conforme esse autor, esse tipo de causativização relaciona predicados causais e não causais, sendo bastante produtivo. Em tese, qualquer predicado pode formar uma construção causativa a partir do emprego de meios morfológicos apropriados. Esse recurso é também amplamente utilizado em línguas brasileiras de diferentes filiações genéticas, como: Ikpeng (Caribe) (PACHECO, 2001), Timbira (Jê) (ALVES, 2004), Mekens (Tupari) (GALÚCIO, 2009), Mundurucu (Tupí) (GOMES, 2006).

No que se refere às construções causativas lexicais, são aquelas em que o predicado causativo e o não causativo são expressos por formas lexicais que não se relacionam morfológicamente. São formas supletivas como o par matar/morrer em português. Conforme Kemmer e Verhagen (1994, p. 118), "verbs that are discernibly semantically causative, but are not formally analyzable into two morphemes".

De acordo com Dixon e Aikhenvald (2000, p. 13), as principais características de um causativo protótipo são: a) Aplicar-se a uma sentença intransitiva básica, formando uma sentença transitiva derivada; b) O argumento na função S (o *causee*) vai para a função O (objeto de sentença transitiva) na sentença causativizada; c) Introdução de um novo argumento (o *causer*), que desempenha na sentença derivada a função de sujeito de sentença transitiva (A) e d) Há alguma marcação formal explícita da construção causativa.

Semanticamente, Comrie (1989) e Shibatani e Pardeshi (2002) distinguem a causativização direta da causativização indireta. Na obra desses dois últimos autores, é acrescentado um terceiro tipo intermediário: a causativização sociativa. Esses três tipos semânticos representam um *continuum* das relações dos três tipos de causativos obtidos a partir de critérios formais: o morfológico, o sintático e o lexical. Em conformidade com Comrie (1989, p. 172), o tipo de distinção formal encontrado entre as línguas é idêntico: o *continuum* do causativo analítico via causativo morfológico para causativos lexicais se correlaciona com o *continuum* da causa menos direta para a mais direta, ou seja, os causativos lexicais e morfológicos, via de regra, estão mais para a causativização direta, e o sintático para a indireta.

Na causativização indireta, o *causer* não se envolve fisicamente na execução do evento causado. Além disso, Shibatani e Pardeshi (2002, p. 90) apresentam como característica distintiva:

The notion of direct causation emanates from conceptualization of a causative situation as involving the same spatiotemporal profile for the causing-event segment and the caused-event segment [...]. Indirect causation, on the other hand, refers to conceptualization of a causative situation as involving two relevant sub-events that have two distinct temporal profiles and two potentially distinct spatial profiles.

Esses autores propõem ainda que é possível representar a situação causal como indireta quando o evento causado com um *causee* paciente é considerado como tendo um perfil espaço-temporal distinto daquele

do evento causador ou *causer*. Citam como exemplos as frases em inglês: *John caused the metal to melt* e *John melted the metal* como expressando a distinção entre causativização indireta e causativização direta, respectivamente. Entretanto, distinguir esses dois tipos semânticos de causativização pode ser difícil. Conforme Comrie (1989, p. 173, tradução nossa):

A distinção entre causalidade direta e indireta é de grau ao longo de um *continuum*. É muito difícil, e talvez até impossível, construir exemplos que claramente permitem apenas uma causalidade direta ou apenas uma interpretação de causalidade indireta. Mas quando um contrasta diferentes construções causais que diferem na analítica – *continuum* morfológico – lexical, então fica claro que a construção mais próxima do fim analítico é mais apropriada para o distante, causativo (indireto). Enquanto aquele mais próximo da extremidade lexical é mais apropriado para o causativo direto.

Já a causativização sociativa é um tipo misto com características da causativização direta e da indireta, apresentando subtipos em conformidade com o grau de controle ou participação do *causer* na construção causativa. Shibatani e Pardeshi (2002, p. 100-101) distinguem a causativização sociativa da indireta nos seguintes termos:

Two features distinguish sociatives from indirect causatives. First, when a language allows alternative marking of the causee nominal, the accusative version generally conveys sociative causation, whereas the dative or other oblique marking signals indirect causation. [...]. Second, the interpretation of the aspectual form differs between sociatives and indirect causatives. In the former, the progressive form is interpreted either as expressing the progressive meaning, i.e., an on-going activity, or a generic activity. In the case of indirect causatives, the progressive form conveys only the generic sense.

Dessa maneira, tanto Comrie (1989) quanto Shibatani e Pardeshi (2002), ao analisarem as construções causativas do ponto de vista semântico, propõem que sejam vistas a partir de um *continuum* das relações estabelecidas entre os diferentes tipos de construções causativas, isto é, propõem que as construções causativas morfológicas, sintáticas e lexicais estão relacionadas aos tipos direto, indireto e sociativo¹ dentro de um *continuum*.

2. CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS EM ASURINÍ DO XINGU

Na língua Asuriní do Xingu, a causativização morfológica apresenta-se bastante produtiva. São encontrados três morfemas causativos: {mu-}, {eru-} e {-ukat}. Os dois primeiros se anexam a verbos intransitivo, e {-ukat} liga-se a predicado transitivo. Na língua, também são encontradas construções causativas lexicais. Em relação às construções causativas sintáticas ou perifrásticas não encontramos dados que permitam análises contundentes acerca de sua funcionalidade, confirmando a ideia de Comrie (1989), segundo a qual causativos perifrásticos puros são raros nas línguas.

A seguir, analisaremos cada uma dessas construções à luz da tipologia linguística, verificando seu grau de produtividade e buscando confirmar ou refutar hipóteses tipológicas para esse fenômeno.

2.1. Causativo lexical

A noção de causativização lexical é expressa pela semântica do verbo, não existindo semelhança formal entre a parte que expressa causa e a parte que expressa efeito. Song (2014, p. 260) se refere a esse tipo de causativo como:

¹ O termo sociativo aparece em Shibatani e Pardeshi (2002), mas não em Comrie (1989).

The lexical causative type involves suppletion. There is no formal similarity between the basic verb and the causative counterpart. In other words, the formal fusion of the predicate of cause and that of effect is ‘maximal’ with the effect that the causative verb is not formally analyzable into two separate morphemes. This causative type is thus fusional or inflectional in nature.

Em Asuriní do Xingu, pode-se identificar esse processo de causativização, como indicam os dados abaixo:

a) *djuka* ‘matar’ x *manu* ‘morrer’

(1a) *anyra* *u-manu*
morcego 3²-morrer
‘o morcego morreu’

(1b) *kudjema’e* *ka’i* *u-djuka*
homem macaco 3-matar
‘o homem matou o macaco’

b) *kai* ‘queimar’ x *rapy* ‘ser queimado’

(2a) *aka* *u-kai*
casa 3-queimar
‘a casa queimou’

(2b) *ene* *ga* *rapy*
2SG 3SG.M ser.queimado
‘ele foi queimado por você’

(2c) *ga* *pene* *rapy*
3SG.M 2PL ser.queimado
‘vocês foram queimados por ele’

(2d) *kudjema’e* *avatxi* *u-apy*
homem milho 3-queimar
‘o homem queimou o milho’

Conforme se observa nos dados acima, há um verbo intransitivo onde semanticamente reside uma causa, cujo efeito é obtido num verbo transitivo, sem nenhuma morfologia causativa. Há apenas uma forma verbal distinta que exprime a consequência de outro verbo, ou seja, os efeitos semânticos são percebidos em uma forma verbal intransitiva que não tem relação formal com o verbo transitivo que provocou aquele resultado.

Os causativos lexicais, semanticamente, expressam causativização direta, ocorrem no mesmo lapso temporal causa e resultado. Nesse tipo de construção, o *causer* carrega os traços semânticos [+humano] e [+agentivo], na maioria dos casos. Em contrapartida, nessa situação, o *causee* não oferece resistência à invertida do *causer*.

² Abreviaturas e convenções:

A=Sujeito de verbo transitivo, CAUS=Causativo, NPR=Nome próprio, M=Masculino, NMLZ=Nominalizador/nominalização, N=Sufixo nominal; O=Objeto, OI=Objeto indireto, PAS=Tempo passado, PL=Plural, POSP=Posposição, REFI=Reflexivo, REL=Prefixo relacional, SG=Singular, SOC=Causativo sociativo, V=Verbo, 1=1a pessoa, 2=2a pessoa, 3=3a pessoa.

No Asuriní do Xingu, esse tipo de causativo apresenta características típicas da causativização lexical apontadas pela literatura, como: interpretação idiomática, não pode ser dividido em uma contraparte com causa e outra com efeito, pode ser nominalizado, como podemos ver abaixo, embora o processo não seja produtivo, já que os próprios causativos lexicais não o são.

(3a) *i-djuka-pyr-er-a*
3-matar- NMLZ -PAS-N
'o que mataram'

(3b) *u-manu-ma'e*
3-morrer- NMLZ
'o que está morto'

A presença desse tipo de causativo na língua confirma a premissa tipológica, segundo a qual é muito comum a presença de causativo lexical nas línguas: "It is extremely common, if not universal, for languages to have at least some lexical causative" (VELUPILLAI, 2012, p. 261). Entretanto, cabe destacar que esse processo de causativização não tem se revelado produtivo no Asuriní do Xingu. A explicação para isso reside no fato de os causativos morfológicos serem extremamente produtivos, como podemos ver neste trabalho, o que vem corroborar com o que sustenta Shibatani (2002, p. 1): a modalidade causativo lexical é comum nas línguas em que falta uma morfologia causativa produtiva e por isso dispõem de um número considerável de verbos transitivos de significado causativo, ou seja, a grande produtividade da modalidade causativo morfológico nessa língua pode justificar a pouca produtividade do causativo lexical.

2.2. Construções causativas morfológicas

Em Asuriní do Xingu, um recurso largamente utilizado na formação de construções causativas é o uso de morfemas. O causativo morfológico é afixado a uma raiz verbal, fazendo com que uma construção seja causativizada, apresentando características típicas desse tipo de construção como alterações semânticas e morfossintáticas.

Nossos estudos para a língua, até este estágio da pesquisa, revelam a presença de três morfemas causativos, como colocado acima, demonstrando, assim, ser a morfologia um campo muito relevante para a expressão da causativização. A seguir tratamos das estratégias para expressá-la, discutindo os fatores que condicionam o uso dos causativos e os efeitos que cada causativo provoca nos arranjos estruturais e funcionais das sentenças, especialmente no que se refere aos papéis semântico-sintáticos.

2.2.1. Causativo {mu-}

O morfema causativo {mu-} se anexa a verbos intransitivos ativos ou inativos. As raízes verbais a que se anexa podem expressar, entre outras noções: processo, movimento e estado. É um morfema muito frequente na língua, do que já se depreende a partir de sua versatilidade ao anexar-se a raízes de diferentes semânticas. Em (4), tem-se a expressão de processo; em (5) movimento e em (7) estado. Sintaticamente, após a afixação desse morfema, o verbo ganha mais um argumento, aumentando sua valência, tornando-se, com essa operação, transitivo. Nessa situação, o uso desse causativo faz surgir um novo argumento nuclear. Os dados abaixo ilustram essa situação.

(4a) *u-ep*
3-apagar
'apagou-se'

- (4b) *tata a-mu-ep*
fogo 1-CAUS- apagar
'apaguei o fogo'
- (5a) *kudjema'e u- jĩn*
homem 3-correr
'o homem correu'
- (5b) *djawara kudjema'e u-mu-jĩn*
onça homem 3-CAUS-correr
'a onça fez o homem correr'
- (6a) *kunumi u- kyt*
menino 3-dormir
'o menino dormiu'
- (6b) *dje kunumi a- mu-kyt*
1SG menino 1-CAUS-dormir
'fiz o menino dormir'
- (7a) *dje marin*
1SG estar.doente
'estou doente'
- (7b) *ka ga bola dje= mu-marin*
DEM 3SG.M bola 1SG= CAUS-estar.doente
'essa bola me adoeceu/feriu'

Conforme podemos observar em (5a) e em (6a) os verbos, *-jĩn* e *-kyt*, respectivamente, selecionam apenas um argumento que se encontra na função S; já em (5b) e em (6b) – depois da afixação do morfema {mu-} – ocorre a causativização da construção, cujo efeito sintático imediato é tornar o verbo transitivo, via derivação, o qual passa a exibir dois argumentos nucleares *djawara* e *kudjema'e* em (5b), e *dje* e *kunumi* em (6b). Surgiu, dessa forma, um novo argumento na sentença que passou a desempenhar a função de sujeito na sentença derivada, fazendo com que o sujeito original fosse rebaixado à função O. Essa operação corresponde ao que, tipologicamente, é conhecido como um dos efeitos sintáticos do causativo nas línguas, que é o aumento de valência, conforme Haspelmath e Müller-Bardey (2004).

No nível semântico, os novos argumentos, respectivamente, *dje* e *djawara*, são o *causer*, e os argumentos, sujeitos originais nas sentenças primitivas, são o *causee*. Notamos que o novo participante introduzido leva o participante original da sentença a realizar o evento, sendo este paciente e afetado. Embora, na tipologia, seja amplamente divulgada a falta de aptidão para controle por parte do *causee*, ou seja, o *causer* frequentemente se encontra no controle da situação, semanticamente, quando comparamos dados como aqueles que aparecem em (5b) *djawara kudjema'e u-mu- jĩn* e (7b) *ka ga bola dje mu-marin*, percebemos que no primeiro, para que a situação ocorra satisfatoriamente, é necessário que haja a cooperação do *causee*; já em situações com predicados como o que aparece em (6b) não há essa possibilidade e se há é reduzida, tendo o *causer* um grau de controle maior sobre o *causee*. Embora exista a implicação de este, em (3b), carregar os traços [-humano] e [-animado], o que por si já favorece o controle do *causer* sobre ele, o fato é que essa situação também pode ser verificada com o *causee* [+humano], e portanto [+animado], como se pode verificar no dado abaixo, em que ele não coopera em nada para que o evento ocorra satisfatoriamente, mostrando que o *causer* está no controle da situação, o que parece

evidenciar que o tipo de predicado ou tipo verbal está diretamente relacionado com o grau de controle do *causer* em relação ao *causee*. Mesmo que já se tenha como claro que o *causee* tende, nas construções em geral, a não ter controle sobre a situação, o que se coloca aqui é que há casos em que é necessária a cooperação dele e há outros casos em que o evento ocorrerá independentemente de sua cooperação, e nestes últimos o predicado formado por verbo descritivo parece ser uma excelente fonte para a ausência de cooperação do *causee* na realização do evento, o que se pode constatar em (8).

- (8) *tximakare ene=mu-kajĩm - tarikumỹ ã upe*
 NPR 2SG=CAUS-enfeitiçar NPR 3SG.F POSP
 ‘Tximacaré está te enfeitando (Está te fazendo adoecer com feitiço)- Tarikumỹ falou para ela’.

2.2.2. Causativo {eru-}

Rodrigues (1947) lançou um trabalho pioneiro sobre a categoria de voz em Tupí. Nesse trabalho, classificou {ro-} como um morfema que expressa voz causativa-comitativa. Segundo o autor, quando é usado na construção, o sujeito faz outrem exercer a ação, praticando-a também. Em Asuriní do Xingu, classificamos o morfema {eru-} como um causativo, anexa-se a radicais verbais intransitivos e semanticamente expressa causativização sociativa. Outras línguas Tupí-Guaraní apresentam um morfema correlato, entre elas Kamaiurá (SEKI, 2000) e Emerillon (ROSE, 2003), denominado por suas respectivas autoras como causativo-cominativo. Esse morfema causativo é colocado antes da raiz verbal. O evento expresso no predicado é realizado conjuntamente pelos participantes *causer* e *causee*.

No nível morfossintático, surge um novo argumento na estrutura da sentença, que passa a exercer a função A, rebaixando o A original a O. Dessa maneira, há o aumento de valência verbal. Vejamos os dados abaixo:

- (9a) *ga u-kyt*
 3SG.M 3-dormir
 ‘ele dormiu’
- (9b) *dje kunumi a-ru-kyt*
 1SG menino 1-CAUS.SOC-dormir
 ‘eu fiz o menino dormir, dormindo junto’
- (10a) *kudjema’e u-furai*
 homem 3-dançar
 ‘o homem dançou’
- (10b) *kudjema’e kujĩ u-eru-furai*
 homem mulher 3-CAUS.SOC-dançar
 ‘o homem fez a mulher dançar com ele’
- (11a) *kunumi u-jĩn*
 menino 3-correr
 ‘o menino correu’
- (11b) *kujĩ kunumi u-eru-jĩn djawara i*
 mulher menino 3-CAUS.SOC-correr onça POSP
 ‘a mulher fez o menino correr da onça, correndo junto’

Após a afixação de {eru-} à construção, ocorre a causativização. As relações gramaticais dos dados acima podem ser explicadas da seguinte forma: em (9a), em (10a) e (11a) tem-se um sujeito S: *ga*, *kudjema'e* e *kunumi*, respectivamente; em (9b), em (10b) e (11b), após a afixação de {eru-}, que causativiza o predicado, um novo participante é introduzido no discurso, esse participante assume o papel A, e o S original passa a objeto, sendo os eventos descritos nos predicados realizados conjuntamente por *causer* e *causee*.

Comparando-se o dado (9b), acima, com o (12), abaixo, percebe-se que o causativo {eru-} funciona na sentença analogamente a {mu-}, provocando causativização e fazendo surgir um novo argumento na sentença. Entretanto, distingue-se dele à medida que o novo participante que é introduzido, o *causer*, provoca na sentença uma causativização sociativa, ou seja, participa do evento com o *causee*, diferente daquela causativização provocada pelo causativo {mu-}, em que o *causer* não participa diretamente do evento.

- (12) *kunumi* *a- ru- kyt*
 menino 1-CAUS.SOC-dormir
 ‘fiz o menino dormir, dormindo junto’

A causativização expressa por {eru-} é sociativa nos termos propostos tipologicamente por Shibatane e Padeschi, constituindo-se como um tipo misto, ou seja, com características da causativização direta e da causativização indireta, em que *causer* e *causee* agem juntos para a realização do evento previsto ou descrito no predicado causativizado. Encontrando-se também em conformidade com o que descrevem Guillaume e Rose (2010, p 384, destaque dos autores) a respeito da distinção entre causativização regular e causativização sociativa:

Sociative causation differs from regular causation in that the causer not only makes the causee do an action, but also participates in it, which is usually paraphrased with sentences like *make someone do something by doing it with them or help someone do something*.

É comum que na língua ocorra apagamento de argumentos em construções derivadas por causativização. Os dados abaixo ilustram isso.

- (13) *dje* *a- ru- kyt*
 1SG 1-CAUS.SOC-dormir
 ‘eu fiz (o menino) dormir, dormindo junto’

- (14) *ere-eru-* *djeki*
 2SG- CAUS.SOC-entrar
 ‘você fez (ele) entrar, entrando junto’

Conforme se observa nos dados acima, há o apagamento do *causee*. A razão para isso reside na pouca relevância que esse participante tem para o discurso nessas situações, pois o que está sendo focalizado nessas construções é a coação do *causer* ao *causee*, demonstrando seu poder sobre ele. Esse é um recurso usado para lidar com o aumento de valência na construção e está de acordo com Comrie (1989, p. 175). Conforme esse autor, o predicado com causativo morfológico normalmente tem uma valência maior que o seu correspondente não causativo, pois além dos argumentos desse predicado não causal, há também o *causer*. Os argumentos de ambos os predicados semânticos precisam figurar num único predicado. Dessa forma, a omissão do *causee* na construção causativa, em conformidade com esse autor, é uma solução para a questão, sendo isso particularmente frequente como uma possibilidade interlinguística ao lidar com causativos de verbos transitivos. Semanticamente, o {eru-} é usado naquelas situações em que há indução ou manipulação. O *causee* é compelido a participar de um evento conjuntamente com o *causer*.

Dessa maneira, verbos como *kyt* ‘dormir’ quando usados com o causativo {eru-} ganham fortes conotações de que o evento foi realizado contra a vontade do *causee*, ou pelo menos, sob forte pressão, mediante o uso de algum mecanismo que tenha provocado o sono.

Conforme se pode observar nos exemplos acima, o morfema {eru-} ocorre em verbos de diferentes semânticas, contrariamente ao que ocorre em Guajá, que segundo Magalhães (2014) é restrito a verbos de movimento.

Alguns dados fornecem indícios de que é possível que o morfema {eru-} esteja passando por um processo de variação de função em algumas formas verbais, desempenhando dupla função: a) causativa para um grupo de verbos e b) aplicativa para outro grupo. Entretanto, apenas uma investigação mais aprofundada e que verifique os fatores condicionadores do uso desse morfema como causativo ou como aplicativo poderá fornecer uma resposta satisfatória a essa questão.

Cabe destacar que tanto a causativização quanto a aplicativização consistem no aumento de valência, entretanto seus efeitos são muito distintos: sintaticamente, na construção causativizada é adicionado um argumento A; já na construção com aplicativo surge um objeto; semanticamente, tem-se a noção de manipulação do *causer* para que o *causee* participe de um evento junto com ele, o que não parece haver ou se o há é em menor grau em construção aplicativa.

Entretanto, dada a natureza e extensão deste trabalho, não discutiremos esse fenômeno aqui, deixando a questão para ser analisada em outro momento. Sustentamos, contudo, que no Asuriní do Xingu o morfema {eru-} ainda funciona como causativo, contrariamente ao que ocorre em outras línguas da família, como: Tenetehára (CAMARGOS, 2017), Guajá (MAGALHÃES, 2014) Guaraní e Tupinambá (VIEIRA, 2010), línguas para as quais esse morfema foi descrito como um aplicativo.

2.2.3. Causativo {-ukat}

O causativo {-ukat}, analogamente aos causativos {mu-} e {-eru-}, faz surgir um novo participante na estrutura argumental da sentença. Entretanto, diferentemente destes, só se anexa a raízes transitivas, sejam estas primariamente transitivas ou transitivas por derivação, além disso, sua posição no complexo verbal é imediatamente depois da raiz.

	A	O	a-V
(15a)	<i>pajé</i>	<i>yryrapara</i>	<i>u-apa</i>
	pajé	arco	3-fazer
	‘o pajé fez arco’		

	A	O	a-V	OI	
(15b)	<i>kudjema’e</i>	<i>iara</i>	<i>u-apa-ukat</i>	<i>kunumi</i>	<i>upe</i>
	homem	canoa	3-fazer-CAUS	menino	POSP
	‘o homem mandou o menino fazer canoa’				

O verbo *-apa*, nos dados acima, é transitivo, já exibindo dois argumentos nucleares – sujeito e objeto – correspondendo aos papéis semânticos agente e paciente, respectivamente. Quando o causativo {-ukat} é afixado a esse verbo, faz surgir um novo argumento, passando o predicado de bivalente a trivalente. O Asuriní do Xingu não aceita dois objetos diretos em uma mesma sentença. Nessa situação, a língua atribui a esse novo argumento o papel de OI (objeto indireto), sendo marcado no dativo, funcionando em conformidade com a hierarquia das relações gramaticais proposta por Comrie (1989): sujeito > objeto direto > objeto indireto > objeto oblíquo. No exemplo (9b), acima, aparecem os argumentos *kudjema’e*, argumento A, participante *causer*; *iara*, argumento O, participante afetado; e *kunumi*, argumento OI, participante *causee*, o executor do evento.

Os dados abaixo mostram que nas situações em que o *causee* é conhecido, depreendido pelo discurso ou mesmo irrelevante para a realização do evento, sua codificação pode ser omitida, sem que haja prejuízo para a compreensão da sentença.

	A		O		a-V
(16)	<i>ẽ</i>	<i>r-uva</i>	<i>ga</i>	<i>r-u'yva</i>	<i>u-apa-ukat</i>
	3SG.F	REL-pai	3SG.M	REL-flecha	3-fazer-CAUS
	'o pai dela mandou fazer a flecha dele (outro)'				

	A	O	a-V
(17)	<i>miravu</i>	<i>u-yru</i>	<i>u-apa-ukat</i>
	NPR	3-roupa	3-fazer-CAUS
	'Miravu mandou fazer sua roupa (dela própria)'		

	O	a-V
(18)	<i>t-yru</i>	<i>a-futuka-ukat</i>
	3GN-roupa	1-lavar-CAUS
	'eu mandei lavar roupa'	

Os dados de (16) a (18) formam predicados com os verbos transitivos *-apa* 'fazer' e *futuka* 'lavar', respectivamente, verbos cuja natureza já exige dois participantes. Quando {-ukat} é afixado ao complexo verbal surge um terceiro participante, o *causee*, cuja relação gramatical com os demais membros da sentença é OI. Entretanto, esse participante não é codificado na sentença pelos motivos elencados acima: ou é conhecido ou é irrelevante no discurso, podendo, portanto, ser omitido.

O uso desse morfema expressa uma causativização indireta. Os dados acima mostram que quando {-ukat} é afixado ao predicado surge um *causee*, o terceiro argumento nuclear, que será responsável pela execução do evento mediante a pressão do *causer*, já que nesse tipo de causativização não há o envolvimento do *causer* na sua execução. Além disso, os eventos ocorrem em lapsos temporais distintos, características típicas desse tipo de causativização, como se pode ver abaixo:

(19a)	<i>ẽ</i>	<i>r-uva</i>	<i>ga</i>	<i>r-u'yva</i>	<i>u-apa-ukat</i>
	3SG.F	REL-pai	3SG.M	REL-flecha	3-fazer-CAUS
	'o pai dela mandou fazer a flecha dele (outro)'				

(19b)	<i>ẽ</i>	<i>r-uva</i>	<i>ga</i>	<i>r-u'yva</i>	<i>u-apa</i>
	3SG.F	REL-pai	3SG.M	REL-flecha	3-fazer
	'o pai dela fez a flecha dele (outro)'				

A comparação do dado (19a) com o dado (19b) mostra que o evento *mandou fazer a flecha* e o evento *fez a flecha*, respectivamente, contrapõem-se quanto ao tipo de causativização, sendo indireta no primeiro e direta em (19b).

Dessa maneira, a causativização na língua revela mudanças importantes nos níveis estruturais e funcionais da sentença derivada, sendo o aumento de valência, um aspecto de grande relevância. A adição do *causer* altera significativamente o padrão de valência, conforme vimos, ao assumir a função de sujeito e rebaixar o sujeito original a objeto, corroborando com o que assegura Kulilov para uma das grandes funções do causativo.

3. ASPECTOS GRAMATICAIS DA SENTENÇA NO PREDICADO CAUSATIVIZADO

Conforme já vimos, uma das funções do causativo é aumentar a valência da sentença, fazendo com que um predicado monovalente passe a bivalente e um bivalente a trivalente. Nesse caso, o verbo derivado funciona com a mesma codificação de pessoa que um verbo em sua forma básica, ou seja, os argumentos são marcados da mesma forma que nas construções simples, não causativizadas, inclusive com as mesmas restrições impostas pela hierarquia de pessoa, como mostram os dados (20a), (20b) e (21).

(20a) *anĩga u-djekĩ*
anĩga 3-entrar
'anĩga entrou'

(20b) *kajĩ kunumi u-eru-djekĩ*
mulher menino 3-CAUS-entrar
'a mulher fez o menino entrar entrando junto'

(21) *tximakare ene=mu-kajĩm tarikumỹ ẽ upe*
NPR 2SG=CAUS-enfeitiçar NPR 3SGF POSP
'Tximacare está te enfeitiçando (Está te fazendo adoecer com feitiço)- Tarikumỹ falou para ela?'

O dado (20b) mostra um verbo transitivo derivado com o causativo {eru-} funcionando com a mesma série de prefixo do verbo intransitivo que o derivou: prefixo da série I, que segundo Pereira (2015) são usados nos verbos transitivos e intransitivos ativos quando não há ruptura da hierarquia de agentividade; já o dado (21) mostra um verbo derivado com o causativo {mu-} funcionando com pronome pessoal por ter sido rompida essa hierarquia.

Nessa língua, conforme Pereira (2021), há uma cisão na classe dos verbos intransitivos: intransitivos ativos marcados com prefixos da série I e intransitivos descritivos marcados com pronomes pessoais em função clítica. Entretanto, diante da causativização do predicado, essa distinção não subsiste. Os dados abaixo ilustram essa situação:

(22) *kavĩ iruỹn*
mingau estar.frio
'o mingau está frio'

(23) *myra kavĩ u-mu-ruỹn*
NPR mingau 3-CAUS-esfriar
'Myra esfriou o mingau'

Dessa maneira, um predicado transitivo derivado, obtido com o recurso da morfologia causativa, funcionará com o mesmo índice de pessoa usado em verbos transitivos e intransitivos ativos, isto é, prefixos da série I, independentemente de ser derivado de um verbo intransitivo ativo ou de um verbo intransitivo descritivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo investigamos as construções causativas no Asuriní do Xingu. Constatamos que a causativização morfológica é o tipo predominante na língua, sendo expressa por três morfemas: {mu-}, {eru-} e {-ukat} exprimindo causativização direta, indireta e sociativa, estando em conformidade com os padrões tipológicos.

As construções derivadas por causativização apresentam alterações estruturais e funcionais em relação às construções não derivadas que lhes deram origem. O surgimento de um novo participante expulsa o sujeito de sua posição original, dando lugar ao *causer*. Dessa maneira, a sentença ganha mais um argumento nuclear, aumentando a valência do predicado, alterando sua estrutura de participação.

Constatamos que a causativização no predicado formado por verbo descritivo parece favorecer um controle maior do *causer* em comparação com outros predicados, independentemente dos traços semânticos [+humano] ou [-humano] do *causee*, ou seja, apesar deste participante ter propensão para ser controlado no predicado causativizado, em conformidade com a literatura, parece que com verbos descritivos o evento descrito no predicado tende a ocorrer independentemente de sua cooperação, demonstrando que é o *causer* que controla totalmente a realização do evento.

Sustentamos nesta análise a classificação do morfema {eru-} como um causativo, corroborando com outras análises feitas para línguas Tupí-Guaraní, como Kamaiurá (SEKI 2000), Emerillon (ROSE, 2003). Mas se opondo, pelo menos parcialmente, a análises para as quais esse morfema é descrito como aplicativo, entre elas: Tenetehára (CAMARGOS, 2017), Guajá (MAGALHÃES, 2014). Entretanto, a língua, através de algumas formas verbais fornece indícios de que esse morfema pode estar alterando sua função causativa-sociativa, podendo em alguns contextos estar funcionando como um aplicativo. Essa alteração, que está sendo investigada, evidencia uma mudança em curso que precisa ser analisada profundamente antes da emissão de qualquer conclusão sobre o real *status* de {eru-} na língua.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Flávia de Castro. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfosintaxe de uma língua Jê*. 2004. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- CAMARGOS, Quesler Fagundes. *Aplicativização, causativização e nominalização: uma análise unificada de estruturas argumentais em Tenetehára-Guajajara (Família Tupí-Guaraní)*. 2017. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- DIXON, Robert Malcolm Ward. A typology of causatives: form, syntax and meaning. In: DIXON, Robert Malcolm Ward; AIKHENVALD, Alexandra Yurievna (ed.). *Changing Valency: case studies in transitivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 30-83.
- DIXON, Robert Malcolm Ward; AIKHENVALD, Alexandra Yurievna. Introduction. In: DIXON, Robert Malcolm Ward; AIKHENVALD, Alexandra Yurievna (ed.). *Changing Valency: case studies in transitivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 1-29. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511627750.002>. Acesso em: 20 maio 2022.
- FILLMORE, Charles J. Algunos problemas de la gramática de casos. In: SÁNCHEZ DE ZÁVALA, Víctor (comp.). *Semántica y sintaxis en la lingüística transformatoria*. Madrid: Alianza, 1976. p. 171-200. (v. 2).
- GALÚCIO, Ana Vilacy. Causativização na língua Mekens. *Revista Moara*, Belém, n. 32, p. 171-188, 2009.
- GOMES, Dionei Moreira. *Estudo morfológico da língua Mundurukú*. 2006. 320 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- GUILLAUME, Antoine; ROSE, Françoise. Sociative causative markers in South-American languages: a possible areal feature. In: FLORICIC, Franck (ed.). *Essais de typologie et de linguistique générale: melanges offerts a denis creissels*. Lyon: ENS Editions, 2010. p. 383-402.

- HASPELMATH, Martin; MÜLLER-BARDEY, Thomas. Valence change. *In*: BOOIJ, Geert Evert; LEHMANN, Christian; MUGDAN, Joachim; SKOPETEAS Stavros (ed.). *Morphology: An international handbook on inflection and word-formation*. Berlin: Walter de Gruyter Mouton, 2004. p. 1130-1145. (v. 2).
- KEMMER, Suzanne; VERHAGEN, Arie. The grammar of causatives and the conceptual structure of events. *Cognitive Linguistics*, Germany, v. 5, n. 2, p. 115-156, 1994.
- KULIKOV, Leonid. Voice typology. *In*: SONG, Jae Jung (ed.). *The oxford handbook of linguistic typology*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 368-398.
- MAGALHÃES, Marina Maria Silva. Os diferentes processos de causativização na língua Guajá. *In*: QUEIXALOS, Francesc; TELLES, Stella; BRUNO, Ana Carla dos Santos (org.). *Incremento de valencia en las lenguas amazónicas*. 21. ed. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2014. p. 71-83.
- PACHECO, Frantomé Bezerra. *Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib)*. 2001. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- PEREIRA, Antônia Alves. Aspectos da hierarquia de pessoa em Asuriní do Xingu. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 4, n. 6, p. 97-106, 2015.
- PEREIRA, Antônia Alves. Marcação de caso e funções sintáticas em Asuriní do Xingu. *Revista Moara*, Belém, n. 58, p. 79-102, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v0i58.10851>. Acesso em: 20 maio 2022.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A Categoria de Voz Em Tupi. Curitiba: *Logos*, v. 6:50-53, 1947.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia*, São paulo, n. 28, p. 33-53, 1985.
- ROSE, Françoise. *Morphosyntaxe de l'emerillon: language tupi-guarani de Guyane française*. Tese (Doutorado em Linguística) - Université Lumière Lyon II, Lyon, 2003.
- SEKI, Lucy. *Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Unicamp, 2000.
- SHIBATANI, Masayoshi (ed.). *The Grammar of causation and interpersonal manipulation*. Amsterdam: Benjamins, 2002.
- SHIBATANI, Masayoshi; PARDESHI, Prashant. The causative continuum. *Typological Studies in Language*, Netherlands, v. 48, n. 18, p. 85-126, 2002.
- SONG, Jae Jung. *Linguistic Typology: morphology and syntax*. New York: Routledge, 2014.
- VELUPILLAI, Viveka. *An Introduction to Linguistic Typology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2012.
- VIEIRA, Márcia Maria Damaso. Os núcleos aplicativos e as línguas indígenas brasileiras, *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 141-164. 2010.